



## **“Histórias para Contar”: a formação humanizada no Jornalismo por meio da leitura coletiva**

Marcelli ALVES<sup>1</sup>

Tháisa BUENO<sup>2</sup>

Universidade Federal do Maranhão – Imperatriz (MA)

**Resumo:** A proposta deste artigo é destacar a importância da extensão universitária como ferramenta complementar da educação universitária. O recorte tem como foco a descrição da experiência com o projeto Histórias para Contar, um programa promovido pelo Curso de Comunicação Social da Faculdade Estácio de Sá de Campo Grande (MS), por meio do qual alunos e professores partilhavam momentos de leitura e descontração com idosos do asilo São João Bosco, o mais antigo da cidade. O modelo foi adotado como um formato complementar no desenvolvimento do futuro jornalista, tendo como foco uma formação mais humanizada.

**PALAVRAS-CHAVE:** Extensão Universitária; Histórias para Contar; Jornalismo; Leitura.

Numa perspectiva cartográfica, a extensão é a dimensão em superfície, o tamanho de um campo, o espaço que ele ocupa. Tirando essa discussão do campo da geografia e trazendo para o âmbito acadêmico a extensão é também um caminho que leva o conhecimento para um espaço maior. Espaço este que fica além do ambiente físico da universidade.

Gurgel (1986) explica que na universidade a extensão funciona como uma ponte entre a instituição de ensino superior e a sociedade na qual está inserida. Assim, pode-se dizer que a extensão universitária atua como auxílio na formação do aluno, ou seja, ajuda na abrangência dos conhecimentos gerais uma vez que sua carga de conhecimento vai além do conteúdo curricular e se expande para a vida. Como pontua Melo Neto (1994, p.15), a extensão é um “... trabalho social sobre a realidade objetiva, gerado de um

---

<sup>1</sup> Mestrado em Gestão de Agronegócio pela Uniderp. E-mail: [marcelli\\_salvaterra@yahoo.com.br](mailto:marcelli_salvaterra@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Mestrado em Linguística e Semiótica pela UFMS. E-mail: [thaisabu@gmail.com](mailto:thaisabu@gmail.com)



produto em parceria com a comunidade, a esta comunidade deverá retornar o resultado dessa atividade de extensão”.

Sabe-se que a formação em Jornalismo tem como foco principal o trato com notícia, ora no uso do texto, ora com a imagem, muitas vezes na parceria dessas e demais linguagens possíveis. Mas assim como é possível mesclar diferentes linguagens no trato da notícia, também é razoável dizer que existem formas muito peculiares de contar essas histórias. Na maioria das vezes, sem levar em conta as linhas editoriais de cada veículo, essa orientação fica por conta do olhar do repórter. E é esse olhar que a formação deve dar mais atenção, já que as técnicas de produção e edição de produtos midiáticos não são suficientes para ampliar a visão de mundo do seu relator. Histórias melhores são contadas por pessoas capazes de ver melhor a realidade, de perceber os contextos, os pontos de vistas distintos, ou seja, alguém com vivência.

No entanto, depois de muitas tentativas enumeradas por meio da experiência em sala de aula, percebe-se que boa parte dos acadêmicos, ao ingressarem no curso de Comunicação Social, Jornalismo, apresentam muita dificuldade no momento enxergar a realidade ao seu redor além da superfície, além do senso-comum.

... à luz de Bourdieu (1997), oferecer a esses novos jornalistas os óculos da profissão, que os permitam enxergar o que move a notícia. A cegueira coletiva pela qual passam nossos estudantes é, ao que parece, natural nos primeiros anos, mas se torna uma deficiência perigosa à medida que se arrasta até além dos muros da universidade. (BUENO e REINO, 2012, p. 12)

Inclusive, um levantamento recente, divulgado em 2012 pelo Programa Itaú Cultural, que promove pesquisas e mapeamentos no âmbito ensino e mercado de trabalho para jornalistas no Brasil, mostrou que as empresas jornalísticas, nas mais distintas regiões do País, buscam mais um profissional com conhecimento geral e vivência humanística, do que um técnico no assunto teórico ou prático voltado para sua profissão. Ou seja, procuram menos um ‘fazedor de leads’ e mais uma pessoa capaz de enxergar a realidade do ponto de vista crítico. Em outras palavras, como orientam Bezerra e Dionísio (2003, p 15): “Até há pouco, pensava-se que as habilidades básicas no uso da língua limitavam-se a falar-ouvir, ler-escrever, mas hoje se sabe que isso não é suficiente. Precisamos aprender a ver”.

No estudo intitulado Mapeamento dos Programas de Treinamento nas Empresas de Comunicação, Itaú Cultural (2012) foram ouvidas mais de 40 empresas de notícias,



em todas as regiões do Brasil, incluindo jornais impressos, na *web*, rádio e televisão. Num total de 123 respostas contabilizadas para a questão sobre que característica o jovem jornalista deveria ter, 38% delas mostram preocupação com aspectos estruturais da produção do texto; seguido de formação cultural e humanística, com 36%. Embasamento teórico apareceu em 3% dos apontamentos, ou seja, o domínio técnico, citado como faro jornalístico e conhecimento de ferramentas de comunicação, só aparecem em 6 das 123 respostas. A reflexão que fica disso é que, não só a universidade, mas também o mercado está mais interessado num profissional com embasamento cultural e humanístico do que em um que domine com perfeição as habilidades específicas da sua profissão.

O que falta realmente é mais ousadia e criatividade. Na hora da seleção, busco muito esses que são diferentes, porque os que são comuns eu já tenho muito. Só que esse perfil não se encontra fácil. Eles têm de ousar, e o universo acadêmico é o ambiente que permite isso, é onde descobrimos os talentos. Falta uma aproximação das instituições de ensino para termos acesso ao que eles produzem. (ITAU CULTURAL, 2012, p.47)

Além disso, sobre as suas características pessoais esperadas pelo mercado na hora de selecionar esse profissional, a curiosidade foi apontada como o traço mais importante, acumulando 26% das respostas; seguida da ética. Questões como essas mostram que cada vez mais a universidade precisa se reformular em diálogo com a sociedade, para uma formação completa do seu estudante. Uma formação que vá além do conteúdo específico, mas que abarque uma educação para a vida. Como pontua BUENO (2011, p. 8):

A escola de Jornalismo hoje ainda carrega muito esses traços: É linear, organizada em conteúdos distintos, com aulas de pouco menos de uma hora com formato de palestra.[...] levando o recorte para os bancos universitários, é permitido dizer que ainda há uma distância gritante entre a academia e à sociedade e com isso também o mercado. Não somos mais o reflexo da sociedade linear e ordenada, mas oferecemos um formato de educação individualizado e não cooperativo.

Na avaliação do levantamento, há uma inversão muito grande entre o que os alunos esperam da academia, e o que ela efetivamente tem oferecido, e o que o mercado espera do novo profissional.



Enquanto se espera que as escolas ofereçam formação humanística, teórica e linguística aos estudantes, estas têm priorizado o conhecimento da técnica. As empresas, a partir disso e da consequente ausência de uma formação mais ampla por parte dos profissionais que recebem, têm oferecido cursos para compensar. “Deveria ser ao contrário!” [...]: “Fazer lide e as coisas mais clássicas do jornalismo aprende-se em três meses em uma redação. Se o estudante vem com uma visão humanista, vai ser capaz de fazer boas coisas, bons lides”. [...] ‘Se o aluno estudasse filosofia, ciências políticas, ciência econômica e não se preocupasse só em aprender a técnica, ele chegaria com essa bagagem’”. (ITAÚ CULTURAL, 2012, 48)

E nisso, a extensão universitária se renova e mostra seu valor. Disciplinas como técnicas de reportagens e redação jornalística, entre outras específicas, são contempladas na maioria das grades dos cursos de Jornalismo e buscam a técnica no auxílio ao texto final. No entanto, sabe-se que o hábito de ler e gerir seu próprio conhecimento é importante para o desenvolvimento pessoal do aluno. Também contribui para mostrar que a realidade é marcada por diversos olhares, além do nosso próprio. “A universidade precisa dobrar-se a um novo modelo que ajude não apenas a formar novos jornalistas, mas profissionais conectados com essa nova realidade. (BUENO, 2011, p. 10).

Como conseguir isso? A leitura pode ser um caminho. Salomon (2004) enfatiza que a leitura não está inserida apenas no contexto de juntar as palavras, para o autor ler é uma questão de hábito ou aprendizagem. A partir disso, percebeu-se que para incentivar a construção de um profissional completo faz-se necessário o incentivo ao hábito da leitura, no sentido de permitir a ampliação do limite do seu mundo. E dessa forma nasceu o projeto de extensão universitária, desenvolvido na faculdade Estácio de Sá de Campo Grande (MS), no curso de Jornalismo intitulado “Histórias para Contar”.

Os objetivos do projeto foram elencados por um grupo de professores que juntos resolveram colocá-lo em prática. “História para Contar” consiste em visitas mensais a um asilo na qual os acadêmicos do quinto, sexto e sétimo períodos levavam livros de histórias para lerem aos idosos, bem como recitavam poesias e cantavam com eles músicas do cancionário popular, referente à época que marcou a geração dos idosos atendidos na casa de apoio. A intenção foi evidenciar aquilo anteriormente percebido por meio de análise empírica: a formação perpassa incentivo à leitura, consciência social e vivência profissional.

## **EXTENSÃO UNIVERISTÁRIA**



A extensão universitária é deveras incentivada no meio acadêmico e é prevista na Constituição Brasileira (1988) na qual traz em seus escritos a previsão que as universidades gozam de autonomia tanto didática quanto científica e devem obedecer o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

No entanto, embora a Constituição de 1988 preveja a extensão, pesquisas bibliográficas demonstram que o ato em questão é bem anterior. Gurgel (1984) relata que a extensão universitária na América Latina tem sua origem na Argentina, no ano de 1918. Segundo o autor a iniciativa veio por meio de alunos que realizaram um ato com o intuito de chamar a atenção das universidades para as questões sociais. Sobre o assunto Ribeiro (1990) diz que os acadêmicos mostravam um anseio por uma nova universidade e que a mesma não se importasse apenas com o conhecimento.

De acordo com Andrade; Linares (2007) o manifesto defendia um ensino laico, ou seja, defendia a universidade com liberdade de criação e voltada ao incentivo ao debate, a ciência desvinculada da igreja era um dos desejos, tendo assim um ensino mais democrático e gratuito. Logo a extensão foi implantada como sendo um fortalecimento da universidade.

No Brasil o registro oficial da extensão universitária foi por meio do Estatuto da Universidade Brasileira, no Decreto-Lei no 19.851, de 1931. No entanto, relatos da história demonstram que foi a partir da década de 1960 que a extensão universitária ganhou força. Foi a partir do golpe de 1964 que historicamente a repressão foi instaurada no Brasil que incentivou o retrocesso da extensão nas universidades. Porém, antes mesmo da aprovação da Constituição Federal que rege o Estado até os dias do hoje é que foi criado o Fórum Nacional de Pró-Reitores das Universidades Públicas Brasileiras no qual foi enfatizada a ideia de extensão baseada nas premissas de Paulo Freire. (FORPROEX, 2001).

Mesmo a Faculdade Estácio de Sá de Campo Grande não sendo uma universidade, mas sim uma faculdade, ou seja, sem a obrigação legal de adotar um projeto de extensão, um grupo de cinco professores reuniu-se no intuito de implantar o projeto “História para Contar”, vinculado ao curso de Comunicação Social – Jornalismo. Percebe-se que a inclusão social tem sido muito utilizada até mesmo como ferramenta de marketing de muitas universidades. Inclusive, as questões relacionadas a ela têm sido muito discutidas no novo milênio. O documento da Conferência Mundial sobre Educação Superior da Unesco (1999) enfatiza sobre essas questões e a sua



relação com o ambiente universitário afirmando que pensar a universidade é ao mesmo tempo pensar o mundo que se quer de forma mais humana, mais justa e também mais sábia. A partir disso fica evidente que as questões relacionadas estão cada vez mais sendo cobradas nas instituições de ensino superior.

A política da Universidade deve combinar o máximo de qualidade acadêmica com o máximo de compromisso social... O que caracteriza o produto é a sua qualidade, sua condição de elite, mas o que caracterizará o seu uso é o seu compromisso amplo – a sua condição antielitista. (CASTRO, 1999. p.64.)

Sabe-se que o ensino do Jornalismo é desafiador, uma vez que a formação acadêmica do bacharel necessita de uma formação sistêmica. O jornalismo especializado é um assunto mais explorado nas especializações, embora algumas grades acadêmicas ofereçam essa disciplina. No entanto, para a atuação do profissional em qualquer área da comunicação a exigência é uma visão crítica da realidade, que será narrada nos mais diferentes formatos de texto. Assim a leitura é um dos degraus para se galgar um olhar mais questionador no futuro jornalista.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 1989, p.11).

Saber contextualizar deveria ser comum para o acadêmico de graduação. No entanto, a prática mostra que a realidade não é bem assim. Não é incomum receber em sala de aula do referido curso, acadêmicos com problemas de interpretação de texto e, conseqüentemente, a realidade a ser relatada. Para Bamberger (1986) a leitura permite o enriquecimento cultural do indivíduo além de abrir espaço para a melhoria econômica, lembrando que o mesmo estará melhor qualificado e com melhores possibilidades de ascensão profissional, além de se tornar um ser crítico e atuante. A implantação do projeto “Histórias para Contar” vem de acordo com o pensamento e também com a expectativa do mercado na área de mídias:

Encontramos na extensão a possibilidade de multiplicar e disseminar a vida universitária na sua forma única de lidar e operar com o conhecimento científico. (...) A Extensão permite e torna possível a inclusão da sociedade no processo reflexivo da universidade. (FÓRUM NACIONAL DE EXTENSÃO E AÇÃO COMUNITÁRIA, 2005.)



Para a definição do projeto foi levado em consideração o pensamento de Arroyo (2001):

Estamos em tempos não de luta pela cidadania, mas de luta pela inclusão social diante de tanta exclusão. Hoje a luta não se situa apenas e fundamentalmente no campo da participação política, dos direitos políticos, mas dos direitos sociais mais elementares: viver, comer, dormir, casa, moradia, trabalho, emprego. (ARROYO, 2001. p.41).

O fazer extensão, como próprio da sua origem permite a criatividade na solução de diversos problemas enfatizando a troca de saberes.

A troca entre o saber acadêmico e o popular, fruto do confronto teórico/prático com a realidade brasileira, vem sendo propiciada principalmente pela ação extensionista. Esse movimento de ir e vir substancia a democratização do conhecimento científico e a institucionalização de mecanismos de participação da comunidade nas instâncias de representação da universidade. Esse ideário norteia a própria noção contemporânea do papel da universidade (MONTENEGRO; MARQUES; LEAL. 2009. p.32.)

## **HISTÓRIAS PARA CONTAR**

O projeto História para Contar foi desenvolvido nos meses de março, abril, maio, junho, setembro, outubro, novembro e dezembro do ano de 2008 e consistia na visita de acadêmicos do curso de jornalismo da Faculdade Estácio de Sá de Campo Grande ao asilo são João Bosco, sempre acompanhados de um professor. Na ocasião, os acadêmicos liam histórias e contos para os idosos, recitavam poemas e cantavam canções nacionais. Os livros eram fornecidos pela biblioteca da instituição e discutidos com o professor orientador antes de ser explorado. As músicas pesquisadas remetiam aos sucessos das décadas que marcaram a juventude dos moradores do asilo. Entre os nomes mais pedidos estavam Roberto Carlos, Nelson Gonçalves, Almir Sater e artistas regionais, como Délio e Delinha, Irmãs Galvão entre outros. Os poemas também giram em torno de poetas bastante populares no Brasil, como Carlos Drummond de Andrade, Casimiro de Abreu, Augusto dos Anjos etc. A medida que a atividade começava a ser desenvolvida novos autores e canções eram sugeridas pelos participantes, que algumas vezes, recitavam, de memória, eles mesmos, os versos que lembravam.

Entre os méritos desse trabalho estava a pesquisa anterior à visita, que permitia um olhar menos preconceituoso com músicas que não fazem parte da discografia dos



jovens acadêmicos. Depois das visitas também novos debates e estudos para encontrar as indicações apresentadas durante o encontro. Some-se a isso o fato de que muitos alunos sequer conheciam um asilo e a realidade que cerca casas de abrigos públicas, como esta. No fim do trabalho muitos sugeriam outras visitas e outros seguiram em ações voluntárias no local, mesmo sem a obrigatoriedade do projeto. Ao todo 35 alunos integrantes do projeto que contabilizou vinte e nove visitas realizadas no ano de 2008.

## CONCLUSÃO

Inicialmente pensado como um modo de incentivar à leitura, o projeto de extensão Histórias para Contar mostrou que ampliar a formação do acadêmico, além dos muros da universidade, é uma ferramenta muito importante para incentivar seu senso humanitário, seu olhar crítico e sua capacidade de refletir sobre o mundo. As visitas promoveram uma grande troca de experiência entre estudantes e idosos, permitindo o crescimento de ambos. A extensão foi considerada importante na formação do aluno e também para os idosos do Asilo São João Bosco.

Criado com a intenção de incentivar a leitura e contribuir para a melhora do texto jornalístico o projeto Histórias para Contar contribuiu para formação de profissionais conscientes, indo de encontro com o pensamento relacionado ao fazer extensão:

(...) a extensão universitária, mais do que cumprir sua finalidade acadêmica de produzir e disseminar conhecimento, permite a formação de um ser humano crítico e tolerante frente às múltiplas interpretações sobre o real e, por isso mesmo, capaz de atitudes democráticas e de um olhar mais sensível para o outro. (MONTENEGRO; MARQUES; LEAL, 2009. p.34)

O resultado do projeto corrobora o pensamento de SOUSA (1994) para quem a universidade deve ser articulada de forma que possa promover aplicações úteis na sociedade. Ou seja, os acadêmicos de comunicação social precisam ter contato com as desigualdades sociais e entender qual é o seu papel na sociedade na qual está inserido. Além disso, é perceptível que o projeto de extensão Histórias para Contar permitiu o contato com a realidade fora da sala de aula e incentivou os acadêmicos também a terem contato com a leitura.



No fim das contas o projeto cumpriu o seu papel: muitas histórias foram contadas, mas muitas outras ainda ficaram por contar. Quem sabe narradas por jornalistas mais críticos e criativos na imprensa do país.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Everaldo; LINARES, Alexandre. **Manifesto de Córdoba**: Federação Universitária de Córdoba. Coleção Cadernos da Juventude Revolução. Disponível em: [www.juventuderevolucao.org/2007/caderno\\_cordoba\\_brochura.pdf](http://www.juventuderevolucao.org/2007/caderno_cordoba_brochura.pdf). Acesso em 24 outubro.2012.
- ARROYO, Miguel. A universidade e a formação do homem. In: SANTOS, Gislene A. (Org.). **Universidade, formação, cidadania**. São Paulo: Cortez, 2001.
- BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. São Paulo: Ática, 1986.
- BEZERRA, Auxiliadora; DIONÍSIO, Ângela. **O livro o didático de Português: múltiplos olhares**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- BUENO, Thaisa; REINO, Lucas. **Onde está o gancho: a difícil tarefa de hierarquizar informações**. Intercom, v. 15, p. 1, 2012.
- BUENO, Thaisa Cristina. **Ferramentas de interação em sala de aula: como manter vivo o diálogo com o mercado e com a cultura do ciberespaço**. Cibercultura (Itaú Cultural), v. 2011, p. 01-13, 2011.
- BRASIL, Artigo 207 da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 **sobre o princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão**. Disponível em : [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm) acesso em 6 abril de 2013.
- CASTRO, Maria da Consolação Gomes de et al. **Extensão universitária e sua relação com ensino e pesquisa: a experiência da PUC Minas**. In: ENCONTRO NACIONAL DE UNIVERSIDADES. Políticas e ações de extensão universitária para a promoção dos direitos da infância e da adolescência: relatório. Belo Horizonte: PUC Minas, 1999.
- CONFERÊNCIA MUNDIAL SOBRE O ENSINO SUPERIOR, 1998, Paris. **Tendências para a educação superior para o século XXI**. Brasília: UNESCO, 1999.
- DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Lucerna, 2003.
- FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS



BRASILEIRAS. **Avaliação da Extensão Universitária**: Brasília: MEC/SESu: Curitiba: UFPR; Ilhéus: UESC, 2001. (Coleção Extensão Universitária; v.3)

FÓRUM NACIONAL DE EXTENSÃO E AÇÃO COMUNITÁRIA DAS UNIVERSIDADES E INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR COMUNITÁRIAS. **Contribuições do Forext ao processo institucional da extensão universitária**. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2005.)

FREIRE, Paulo. (1998) **A importância do ato de ler**. São Paulo. Cortez

GURGEL, R. M. **Extensão Universitária: Comunicação ou domesticação?** São Paulo: Cortez : Autores Associados: Universidade Federal do Ceará, 1986.

ITAÚ CULTURAL. **Mapeamento dos programas de treinamento nas empresas de Comunicação**. 01. ed. São Paulo: Itáú Cultural, 2012.

MELO NETO, José Francisco de. **Hegemonia e extensão**. Escola de Formação Quilombo dos Palmares - EQUIP. Recife, Pe, 1994.

MONTENEGRO; MARQUES; LEAL. Direitos humanos: pauta da extensão universitária na PUC Minas. In: SOUZA, Robson Sávio Reis (Org.). **Universidade e direitos humanos**. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2009.

RIBEIRO, Darci. **A universidade necessária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

SALOMON, D. V. **Como fazer uma monografia**. 11. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SOUSA, Marcondes Rosa. **A extensão como função integradora das atividades - atividades de pesquisa e ensino**. XIII Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas do Nordeste. Natal, 1994.